

## EDUCAÇÃO EMOCIONAL: COMO CONTRIBUIÇÃO PARA O PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM

Levi Varjão <sup>1</sup>  
Lucas Silva Varjao <sup>2</sup>  
Noemi Silva Varjão <sup>3</sup>  
Loide Silva Varjao<sup>4</sup>

### RESUMO

Este artigo faz uma abordagem a respeito da emoção atrelada à educação escolar. Buscou-se enxergar uma afinidade das emoções com os métodos de ensino e o conhecimento. O estudo se debruçou a especificar a relevância de inserção da educação emocional para auxiliar no desenvolvimento da formação dos educadores no intuito de melhorar o processo ensino aprendizagem deles e a vida como um todo para torna-los cidadãos Assim, questiona-se, será que atentar para a educação emocional auxilia na maneira do estudante melhorar o seu ensino aprendizagem? Assim, será demonstrada a maneira que os educadores possam trabalhar a educação emocional no ambiente escolar. Para isso, é que este artigo fez uma análise sobre a relevância da educação emocional no cenário da educação escolar, para tanto partiu-se das seguintes perguntas: a Educação Emocional pode atuar como contributo no processo de ensino-aprendizagem, beneficiando a compensação entre perspectivas cognitivas racionais e emocionais do aluno? Para responder tal questão, foi feito um estudo bibliográfico, com artigos indexados na internet, tanto na área da educação, como na psicologia. Pautados nas ideias de Gardner (2005), Goleman (2003), Golsen (2005), e outros. Concluiu-se com esta análise, que as capacidades da inteligência emocional, como autoconhecimento, autogestão, consciência social e administração de relacionamentos, podem auxiliar na qualidade do processo de ensino-aprendizagem, conduzindo o ser humano ao equilíbrio da razão e emoção.

**Palavras-chave:** Educação Emocional, Educação Escolar, Conhecimento, Formação., Cidadão.

---

---

<sup>1</sup> Doutor em Educação. [lmvarjao@uol.com.br](mailto:lmvarjao@uol.com.br)

<sup>2</sup> Médico. [lucsvvarjao@gmail.com](mailto:lucsvvarjao@gmail.com)

<sup>3</sup> Médica. [noevarjao@yahoo.com.br](mailto:noevarjao@yahoo.com.br)

<sup>4</sup> Médica. [los\\_varjao@yahoo.com.br](mailto:los_varjao@yahoo.com.br)

## INTRODUÇÃO

A educação emocional, não pode ser entendida como um fenômeno exclusivamente escolar. Constitui-se num processo de construção permanente, originado no seio da família, passando pela escola e continuando por toda a vida. Porém, não pode ser vista como mais um tipo de auto ajuda, uma receita que transforma problemas em soluces.

E isso fica bastante evidente, considerando que o principal objetivo deste novo paradigma tem como premissa o crescimento emotivo-intelectual do ser humano. Embora os estudos acerca da inteligência e educação emocionais sejam relativamente recentes, parece inegável tratar-se de um processo de caráter psicopedagógico, derivado dos próprios processos de evolução da sociedade, da família e da escola.

Também há fortes indícios de que esse encaminhamento pedagógico está, em boa parte, delegado aos professores. Ou seja, a função de assumir o papel de “alfabetizadores emocionais”, antes exercido intuitivamente, agora está consciente. Nesse contexto, o objetivo preliminar desse artigo é fazer algumas considerações acerca da inteligência e das emoções, como uma possibilidade importante para uma melhoria da qualidade no processo de ensino e aprendizagem. E num segundo momento, pretende-se comentar alguns dos pressupostos que fundamentam, de alguma forma, a educação emocional.

## REFERENCIAL TEÓRICO

A ideia sobre a inteligência emocional foi definida pelos psicólogos Peter Salovey e John Mayer, no ano de 1990. De acordo com Goleman (2001), Salovey inclui as inteligências interpessoal e intrapessoal estudadas por Gardner (1995), em sua definição de Inteligência Emocional. Santos (2000, p. 46) esclarece que:

A Inteligência Emocional envolve a capacidade de perceber acuradamente, de avaliar e de expressar emoções; a capacidade de perceber e/ou gerar sentimentos quando eles facilitam o pensamento; a capacidade de compreender a emoção e o conhecimento emocional; e a capacidade de controlar emoções para promover o crescimento emocional e intelectual.

Surge então o estudo da inteligência emocional, entendida como a harmonia entre a razão e a emoção ou como a capacidade em lidar com a emoção de forma inteligente.

Afirmando que a pessoa emocionalmente educada é capaz de lidar com as emoções de modo a desenvolver seu poder pessoal e a criar maior qualidade de vida, relatam Steiner e Perry (2001). Para esses autores, a Educação Emocional amplia os relacionamentos, cria possibilidades de afeto entre pessoas, torna possível o trabalho cooperativo e facilita o sentido de comunidade. Essa ideia é defendida por Goleman (2001, p.18), quando enuncia:

Uma visão da natureza humana que ignore o poder das emoções é lamentavelmente míope. A própria denominação Homo sapiens, a espécie pensante, é enganosa à luz do que hoje a ciência diz acerca do lugar que as emoções ocupam em nossas vidas. Como sabemos por experiência própria, quando se trata de moldar nossas decisões e ações, a emoção pesa tanto – e às vezes muito mais – quanto a razão. Fomos longe demais quando enfatizamos o valor e a importância do puramente racional – do que mede o QI – na vida humana. Para o bem ou para o mal, quando são as emoções que dominam, o intelecto não pode nos conduzir a lugar nenhum.

A inteligência emocional foi assim dividida em quatro aspectos descritos por Goleman, Boyatzis e McKee (2002): autoconsciência, que significa compreensão do sujeito das próprias emoções, possibilidades, limites, valores

e motivações; autogestão ou capacidade de gerenciamento das próprias emoções, em forma de contínuo diálogo interno, para clareza mental; consciência social, como a capacidade de perceber o que se passa com o outro; administração de relacionamentos, ao saber lidar com as emoções alheias, a partir da consciência de suas próprias emoções.

Como características de pessoas que têm a educação emocional desenvolvida, Goleman (2001) destaca, entre elas: capacidade do líder em organizar grupos ou rede de pessoas, talento que se vê em diretores e chefes de organizações; capacidade do mediador que negocia soluções e acordos, evitando conflitos e disputas, talentos dos diplomatas, árbitros ou gerentes, entre outros; domínio da arte do bom relacionamento, que facilitam o conviver das famílias, amigos e colegas de trabalho; capacidade para análise social, a partir dos sentimentos e preocupações das pessoas, talentos reconhecidos, principalmente, nos terapeutas, conselheiros, líderes naturais e escritores.

Durante muito tempo valorizamos o binômio conhecimento lógico matemático e capacidade de ler e escrever bem, para que a pessoa fosse considerada inteligente. Os testes de QI para medir a inteligência de pessoas foram aceitos por longo tempo, mas hoje sabemos que eles medem conhecimentos cristalizados, dando ênfase ao método de uso do papel e do lápis, mas não avaliam a capacidade de assimilar e resolver problemas do cotidiano, profissionais ou mesmo, pessoais.

Santos (2000) reforça esse pensamento e acredita que a educação com objetivos exclusivamente cognitivos tem-se mostrado insatisfatória, pois, a despeito de tantos avanços tecnológicos — da televisão, dos computadores e da multimídia — utilizados no processo educacional, as novas gerações têm mostrado crescente falta de competência emocional e social. O elevado índice de delinquência juvenil, em todas as classes sociais, desde as mais abastadas até as menos favorecidas economicamente, somado aos fatores acima mencionados, são uma demonstração inquestionável de que os paradigmas educacionais vigentes, sozinhos, não conseguiram levar a humanidade para um patamar aceitável de educação, por isso a necessidade de uma reflexão mais profunda sobre eles.

Ser emocionalmente inteligente significa, principalmente, conhecer as próprias emoções e as emoções alheias, sua intensidade e suas causas e

consequências (GOLEMAN, 2001). Ser emocionalmente educado significa dar conta das próprias emoções por estar familiarizado com elas. Na Educação Emocional, aprendemos quando, onde e como expressar os próprios sentimentos, e de que maneira eles influenciam outras pessoas, assumindo a responsabilidade pelas consequências desses sentimentos.

Para Sampaio (2004, p. 37): “A educação não pode restringir-se a treinamentos ou apenas informações. É necessário repensá-la e fazê-la servir à vida, à realização humana, social e ambiental.” Esta necessidade é também enfatizada por Beauport (1998), quando afirma que, se a elaboração do processo racional contribuiu para o avanço da ciência, é de se esperar que a elaboração de nosso processo emocional contribua para o avanço humanístico. Para tanto, é necessário que tenhamos compreensão do que seja emoção.

Por meio da educação emocional na sala de aula, acreditamos poder diminuir a violência — forma mais extrema da raiva —, praga que está assolando o mundo inteiro. As estatísticas mostram também que em todo o mundo há um crescente aumento da solidão, tristeza, suicídio e de pessoas que, cada vez com menos idade, entram em depressão. Seguramente, a educação emocional será útil para diminuir as emoções tidas como negativas. “Se aprendemos a controlar a raiva e procuramos divulgar suas formas de controle na escola, em casa e com os amigos [...] seguramente estaremos contribuindo para um mundo melhor, sem tanta violência.” (SANTOS, 2000, p. 52).

De acordo com Goleman (2001), é preciso compreender o que está por trás de um sentimento (por exemplo, a mágoa que dispara a raiva) e como aprender a lidar com as ansiedades, com a ira e com a tristeza.

A alfabetização emocional no contexto escolar constitui-se em um novo caminho para inserir as emoções e a vida social nos currículos formais. As lições emocionais podem fundir-se naturalmente com leitura e escrita, saúde, ciência, estudos sociais e também com outras disciplinas padrão. Algumas lições são dadas até como parte da aula de matemática, despertando aptidões básicas de estudo, como forma de afastar distrações, motivar-se para estudar e controlar impulsos, para acompanhar o ensino.

Os educandos aprenderão que a questão não é evitar inteiramente possíveis conflitos, mas resolver discordâncias e ressentimentos antes de se tornarem brigas abertas. Essa assertividade (que é diferente de agressão ou

passividade) acentua a expressão direta dos sentimentos, mas de maneira que não se torne uma agressão.

A inserção do estudo da inteligência emocional nas escolas implica um mandado ampliado para todos os atores envolvidos com a educação. Essa temerária tarefa exige três grandes mudanças: que o educador vá além de sua missão tradicional de ensinar a ler e a escrever; que as escolas incluam em seu currículo o ensino das emoções; e que as famílias e pessoas da comunidade se envolvam mais com as escolas.

A partir do evento das teorias de Daniel Goleman (Inteligência Emocional) e de Howard Gardner (Inteligências Múltiplas), houve o desencadeamento de uma verdadeira reviravolta nos estudos acerca da inteligência e da emoção. Assim, falar em educação emocional implica, necessariamente, numa análise do contexto dessas duas teorias. Embora sejam teorias com formulações aparentemente distintas, existe uma co-relação muito estreita entre ambas. Talvez, a maior diferença entre elas esteja no fato de que Goleman dá um detalhamento muito maior ao papel das emoções. Para entender o conceito de inteligência emocional, é preciso que se tenha uma concepção bastante clara em relação à inteligência e à emoção.

A partir do século XVII, os psicólogos já admitiam a divisão da mente em três partes: cognição, afeto e motivação. A cognição engloba a memória, o raciocínio, o julgamento e a abstração. O afeto constitui-se de funções como : as emoções em si, o humor e as sensações. E, finalmente, a motivação refere-se a instintos biológicos ou a comportamentos adquiridos através do aprendizado.

Durante muito tempo, a emoção foi concebida como uma força altamente irracional e desagregadora, totalmente contrária à razão. Entretanto, nas pesquisas a respeito das emoções, essas são concebidas como um verdadeiro estímulo à cognição. Todavia, é inegável que, em algumas situações, certas atitudes ligadas à emoção podem realmente ser extremamente negativas e ter efeitos desagregadores do pensamento. Porém, num grande número de situações, circunstâncias que provocam reações emocionais, constituem-se numa contribuição importante para o pensamento (inteligência). Todas as pessoas tendem a manifestar algum tipo de reação diante de uma determinada situação. No entanto, a reação apresentada, certamente, não será a mesma

para todas as pessoas. Diante de algumas situações, especialmente das mais desagradáveis (como as que despertam o medo, por exemplo), é normal que se tenha uma reação extremada, com um tipo de resposta pouco racional, isso porém, não constitui uma regra geral, pois muitas pessoas poderão apresentar reações bem elaboradas, ou seja, reações consideradas como lógicas para uma determinada situação a típica. E uma resposta positiva, em contrapartida a um fato negativo, decorre de uma postura “correta” quanto aos sentimentos. Entretanto, também não pode ser desconsiderada a possibilidade de que o tipo de reação apresentada irá depender intrinsecamente de todo um contexto cultural e até ambiental. Testes recentes, aplicados por Pennebaker, Rimé e Blankenship, corroboram a tese de que pessoas de climas mais quentes são emocionalmente mais “abertas” que as pessoas de climas frios. Esse fato, por si só, sugere possibilidades extremamente importantes no que tange ao tipo de reação para uma determinada situação.

E essa influencia cultural e do meio onde a pessoa vive, somada ao conhecimento dos seus padrões individuais é que, muitas vezes, poderá permitir uma avaliação correta de uma reação e, conseqüentemente, de sua inteligência

Contudo, não se pode incorrer numa análise reducionista, afirmando que tudo o que se relaciona com inteligência e emoção é inteligência emocional. Essa relação entre cognição e emoção é, também, muitas vezes, extremamente contraditória. E inegável que a emoção afeta o raciocínio de diferentes maneiras, porém, isso não significa que a pessoa se torna mais inteligente quando o aprendizado envolve sentimentos. Do mesmo modo, não se pode dizer que a inteligência emocional se resume simplesmente a autocontrole, persistência ou capacidade de motivação. Esses comportamentos, isoladamente, podem não influir significativamente na qualidade das emoções e, tampouco na inteligência do ser humano. A rede de conexões entre a inteligência e a emoção sugere um grau maior de complexidade entre as capacidades emocionais e mentais. O conceito de inteligência emocional, descrito por Peter Salovey e David J. Sluyter, no livro “Inteligência emocional da criança”, expressa bem essa complexidade : “Inteligência emocional é a inteligência que envolve a capacidade de perceber acuradamente, avaliar e expressar emoção; a capacidade de perceber e/ou gerar sentimentos quando

eles facilitam o pensamento; a capacidade de compreender a emoção ; e a capacidade de controlar emoções reflexivamente, de modo a promover o crescimento emocional e intelectual” (Salovey e Sluyter, 1999,39).

Assim, observamos que a inteligência emocional não pode, simplesmente, ser entendida como a percepção e o controle da emoção; deve privilegiar, principalmente, a ação do pensamento sobre o sentimento. Além disso, o conceito, descrito acima, reflete-se num conjunto relativamente amplo de capacidades. Desse modo, talvez o papel mais importante da emoção esteja na sua função de facilitar o ato de pensar, ou seja, na capacidade de gerar pensamentos com um certo planejamento, criando a possibilidade de considerar, cada vez mais, um número maior de perspectivas. A tendência, segundo os pesquisadores, é de que essa capacidade se desenvolva, gradativamente, com o amadurecimento da pessoa. Por outro lado, o desenvolvimento da inteligência emocional de uma pessoa implica numa realização emocional e, conseqüentemente, numa competência emocional.

A realização emocional é o que a pessoa aprende sobre emoção, e a competência reflete um nível desejado de realização (padrão). Isso sugere que alguém só será inteligente emocionalmente se tiver uma realização emocional plena e um alto grau de competência. E essas capacidades são inatas; representam quase sempre uma prática, um verdadeiro processo de aprendizagem. O desenvolvimento emocional do ser humano se dá, fundamentalmente, em três fases : a aquisição — refere-se á expresso e á percepção das emoções, momento no qual o indivíduo, além da aquisição e prática das diferentes emoções, também dá a elas um “toque pessoal” ; o refinamento — refere-se ás modificações das emoções, principalmente em função do seu meio social e cultural — pode refletir tanto um aguçamento de emoções, quanto um afastamento em relação a um comportamento específico ; as transformações — referem-se ás mudanças nos sistemas de processamento das emoções, como na forma de pensar ou reagir diante de determinada situação. Em, resumo, podemos dizer que o desenvolvimento emocional é um processo de construção pessoal, porém, altamente influenciado pelo meio. Nos Estados Unidos e em muitos outros países (inclusive no Brasil, em menor escala), já se pratica a educação emocional.

E, em alguns casos, com o “status” de disciplina do currículo (alfabetização emocional, a ciência do eu, etc...), e em outros, como programas intensivos paralelos (programas de solução criativa de conflitos, programa de desenvolvimento e competência social, dentre outros). Uma outra fórmula pedagógica utilizada concebe a educação emocional ministrada em linhas transversais, que atravessam e inspiram todas as disciplinas e atividades da escola. O desafio da educação emocional parece traduzir-se no desafio de Aristóteles, citado no livro *Inteligência emocional*, de Daniel Goleman : “qualquer um pode zangar-se — isso é fácil. Mas zangar-se com a pessoa certa, na medida certa, na hora certa, pelo motivo certo e de maneira certa — não é fácil” (Aristóteles in Golemann, 1995, 12).

Ora, essa proposição nada mais é do que a confirmação de que o comportamento humano é normalmente, um processo difuso. No entanto, os estudos, e mesmo a prática, sinalizam que esse processo pode ser melhor elaborado: analogamente ao modo que ocorre na aprendizagem acadêmica, na qual a utilização de diferentes metodologia, técnicas, e até meros procedimentos, podem proporcionar um melhor resultado. E, nessa perspectiva de educação das emoções, alguns pesquisadores (em especial H. Gardner), defendem uma linha cognitivista, centrada em algumas das concepções de J. Bruner, como, por exemplo, “uma educação para a compreensão”. Essa nova visão de escola, mais “compreensiva” mais aberta, na qual o conhecimento não é aferido apenas numa única dimensão, e, muitas vezes medido, por testes do tipo SAT (teste de aptidão escolar) e de QI (teste de quociente de inteligência). Convém ressaltar que, cientificamente, esses testes podem ter perdido, em parte, o grau de importância que sempre tiveram, a ponto de alguns pesquisadores considerá-los totalmente obsoletos. Além disso, esses testes têm sido duramente criticados pelo seu caráter determinista, o qual, em muitas situações, acabava por definir o futuro da pessoa.

Ora, trata-se de testes com uma visão psicométrica da inteligência e mensurados quantitativamente. Não levam em conta uma série de fatores intrínsecos ao comportamento humano e, tampouco, do seu meio social. Por outro lado, também a escola, concebida nos moldes atuais, não tem se configurado num protótipo de eficiência; todavia, não se pode dizer que retrate unicamente o caos. Talvez, fosse mais coerente afirmar que a escola apenas

se ressentido de alguns ajustes, os quais, certamente, vão além da dimensão proposta pela escola iluminista e liberal-positivista. A verdade é que o atual modelo social promoveu um distanciamento muito grande nas relações sociais, centrando o objetivo da escola, essencialmente, na formação acadêmica.

A escola perdeu muito da sua função verdadeiramente “educadora”, transformando-se, quase que unicamente numa entidade “instrutora”, afastada da sua função socio-cultural. Entretanto, não se pode falar em educação emocional somente num contexto didático-pedagógico, limitando a discurso em tomo da natureza, das modalidades e do funcionamento da inteligência humana, e responsabilizando a escola pelos fracassos. Na realidade, trata-se de um processo muito mais complexo e abrangente, uma verdadeira abertura para o meio social e cultural. Nessa perspectiva, a escola tende a transformar-se num verdadeiro laboratório interativo, onde a criança, além de tornar plena consciência do seu “eu”, será capaz de compreender melhor o que ocorre ao seu redor.

A educação emocional busca tornar um indivíduo mais inteligente emocionalmente. O que significa que ele terá mais chances de um convívio social estável. Além disso, será capaz de trabalhar em grupo, terá mais confiança diante dos desafios do dia-a-dia, estará mais apto ao relacionamento interpessoal e, principalmente, será mais otimista e equilibrado diante das exigências impostas pela sociedade. O papel da escola no contexto da educação emocional.

Porém, isso não pode, de modo algum, significar, que a função acadêmica da escola deva ficar em segundo plano. Muito pelo contrário: a educação emocional deve ser vista como uma forma otimizadora do processo cognitivo. Dizer que a emoção é importante no processo pedagógico é redundante. O diferencial hoje, parece estar na possibilidade de otimizar essa emoção. Entretanto, a educação emocional jamais pode ser vista como uma fórmula miraculosa como a verdadeira redenção para todos os problemas da educação. Nem, tampouco, ser vista como mais um mero modismo. A concepção de um modelo ideal para a operacionalização da educação emocional, até hoje, não se constitui numa unanimidade. O que existem são projetos, a grande maioria apresentando resultados extremamente positivos, o que não garante a impossibilidade do fracasso. O fato é que a chamada educação emocional é,

muitas vezes, uma “lição” muito sofisticada. Incurrer num reducionismo teórico, ou prático, pode constituir-se numa experiência frustrante, sujeita a resultados extremamente desastrosos. Outra questão importante, a qual vale a pena ressaltar, é a visão lacônica que se tem, muitas vezes, em relação a emoção. Nesses casos, a emoção é reduzida à afetividade, ou seja, a visão de que uma relação harmônica entre professor e aluno, se traduz numa garantia de aprendizagem. É claro que essa relação afetiva, não pode ser desconsiderada do contexto pedagógico, mas, jamais a educação emocional pode ser resumida nessa relação. Outro aspecto fundamental a ser considerado nesse contexto, é a função do educador, o qual deverá ter a sensibilidade necessária para transpor as barreiras do seu próprio conhecimento, e da sua prática em sala de aula. E isso pressupõe, que ele não é um mero transmissor de conhecimentos, mas, acima de tudo, deve ser capaz de preparar os seus alunos para serem eles mesmos, de modo que sejam conscientes e responsáveis na sua capacidade de ser, de sentir, de pensar e de agir. Parece bastante evidente, que a partir do momento em que o professor for capaz de reconhecer as emoções de seus alunos (alegria, tristeza, medo, raiva, vergonha...), inevitavelmente, estará criando um canal extremamente fértil e acessível para uma perfeita interação. Assim, a perspectiva de implementação de um modelo de educação emocional pleno, compartilhado linearmente com o processo cognitivo, ainda terá um longo caminho a percorrer. Não se pode esquecer que Rousseau, Pestalozzi, Montessori, Makarenko, Wallon e tantos outros pedagogos provavelmente já sabiam disso, e ressaltavam o valor das emoções na aprendizagem, embora, sem o refinamento e o caráter científico do modelo contemporâneo.

## CONCLUSÃO

As teorias da inteligência emocional e das inteligências múltiplas, sem dúvida, derrubaram muitos mitos. Talvez o principal deles seja o determinismo apregoadado por muito tempo, em relação a questão da inteligência. Porém, assim como derrubou mitos, por outro lado, certamente criou outros. Isso talvez se justifique, em parte, pela subjetividade da própria ciência (nesse caso, da psicologia e da pedagogia). Desse modo, é perfeitamente admissível que uma teoria, por mais perfeita que possa parecer, provavelmente, terá sempre um caráter de obra inacabada.

Com relação à educação emocional, talvez o maior problema esteja justamente na expectativa que se cria em torno de um novo paradigma: que ele seja a solução para todos os problemas existenciais do homem. Decorre daí, a ânsia do homem na busca desenfreada por um protótipo ideal, por uma obra pronta e acabada, devidamente corroborada pela ciência.

A incerteza é, sem dúvida, perturbadora e angustiante ; todavia, a verdade, muitas vezes, pode ser falaciosa. No entanto, a educação emocional, cientificamente construída e operacionalizada com responsabilidade, certamente poderá contribuir em muito para com a pedagogia.

É claro que não se pode simplesmente desprezar a legitimidade ou negar o progresso da ciência e, tampouco, as mudanças estruturais que isso possa gerar. Afinal, não se pode conviver, no final do século XX, com uma concepção estóica de comportamento, na qual a paixão (que é uma emoção) é considerada como uma desobediência à razão. Falar em inteligência e educação emocionais pode ser bem mais complexo do que parece. Em princípio, porque até mesmo os cientistas ainda têm muitos questionamentos, muitas dúvidas em relação ao tema. Eles mesmos admitem que estão apenas engatinhando no complexo mundo das emoções.

Entretanto, existem algumas certezas que, embora possam não ser definitivas (assim como é o próprio caráter da ciência), permitem avanços significativos. Acreditar que o homem é um ser eminentemente racional seria negar a sua própria identidade. Porém, a tarefa de “educar” as emoções não é nada simples, uma vez que o próprio domínio da “razão”, às vezes, é extremamente difícil.



Mesmo assim, a educação emocional parece ser um bom modelo para uma cultura democrática, pois não procura simplesmente impor normas para o resultado do comportamento

em um contexto social, na qual as normas são elaboradas a partir do próprio reflexo dos envolvidos, a partir da própria individualidade de cada um. Pelo contrário, incentiva um processo de busca da realização pessoal, dentro de um contexto social, na qual as normas são elaboradas a partir do próprio reflexo dos envolvidos, a partir da própria individualidade de cada um.

## REFERÊNCIAS

ACCIOLY, J.; ATHAYDE, A. A educação emocional: o caminho para a competência Emocional. Salvador: Santa Helena, 1996.

BEAUPORT, E. Inteligência emocional: as três faces da mente. Brasília, DF: Teosófica, 1998. BRANDÃO, C. R. O que é educação. São Paulo: Brasiliense, 2004.

CRONBACH, L. J. Course improvement through evaluation. Teachers College Record, New York, 64, n. 8, p. 672-683, May 1963.

DELORS, J. et al. Educação: um tesouro a descobrir: relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre a Educação para o século XXI. 10. ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: MEC/UNESCO, 2006.

FREIRE, P. Pedagogia da autonomia. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

GADOTTI, M. História das idéias pedagógicas. 8. ed. São Paulo: Ática, 2005.

GARDNER, H. Inteligências múltiplas: a teoria na prática. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995. \_\_\_\_\_. Mentas que mudam: a arte e a ciência de mudar as nossas idéias e a dos outros. Porto Alegre: Artmed: Bookman, 2005.

\_\_\_\_\_. O verdadeiro, o belo e o bom: os princípios básicos para uma nova educação. Rio de Janeiro: Objetiva, 1999.

GOLEMAN, D. Como lidar com emoções destrutivas: para viver em paz com você e com os outros: diálogo com a contribuição do Dalai Lama. Rio de Janeiro: Campus: Elsevier, 2003. \_\_\_\_\_. Inteligência emocional: a teoria revolucionária que define o que é ser inteligente. 45. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

\_\_\_\_\_. Trabalhando com a inteligência emocional. Rio de Janeiro: Objetiva, 1999.

GOLEMAN, D.; BOYATZIS, R.; MCKEE, A. O poder da inteligência emocional : a experiência de liderar com sensibilidade e eficácia. Rio de Janeiro: Campus, 2002.

\_\_\_\_\_. Inteligência social: o poder das relações humanas. Rio de Janeiro: Campus: Elsevier, 2006.

HOFFMANN, J. Avaliação: mito e desafio, uma perspectiva construtivista. Porto Alegre: Educação & Realidade, 1993.

- LUCKESI, C. C. Filosofia da educação. São Paulo: Cortez, 1994.
- SALOVEY, P.; SLUYTER, D. J. Inteligência emocional da criança: aplicações na educação e no dia-a-dia. Rio de Janeiro: Campus, 1999.
- SAMPAIO, D. M. A pedagogia do ser: educação dos sentimentos e dos valores humanos. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.
- SANTOS, J. O. Educação emocional na escola: a emoção na sala de aula. Salvador: Faculdade Castro Alves, 2000.
- SCRIVEN, M. The methodology of evaluation. In: TYLER, R. W. et al. Perspectives of curriculum evaluation. Chicago: Rand McNally, 1967. (AERA Monograph series on curriculum evaluation; n. 1).
- SOARES, N. S. Educação transdisciplinar e a arte de aprender: A pedagogia do autoconhecimento para desenvolvimento humano. Salvador: EDUFBA, 2006.
- SOARES, N. S. Educação transdisciplinar e a arte de aprender: a pedagogia do autoconhecimento para desenvolvimento humano. Salvador: EDUFBA, 2006.
- SORDI, M. R. L. Entendendo as lógicas da avaliação institucional para dar sentido ao contexto interpretativo. In: VILLAS BOAS, B. M. F. (Org.). Avaliação: políticas e práticas. Campinas: Ed. da Unicamp, 2002.
- STEINER, C.; PERRY, P. Educação emocional: um programa personalizado para desenvolver sua inteligência emocional. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- THIOLLENT, M. Metodologia da pesquisa-ação. 14. ed. São Paulo: Cortez, 2005.
- VIEIRA, G. A construção das bases para o desenvolvimento de um software CBT tendo como conteúdo central um teste de avaliação da inteligência emocional. 2003. 108 f.
- Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) – Faculdade de Engenharia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003. Disponível em: .
- \_\_\_\_\_. Depoimento [jul. 2007]. Entrevistadora: Claudia Carla de Azevedo Brunelli Rêgo. Salvador, 2007b. 1 CD.
- WEISINGER, H. Inteligência emocional no trabalho. Rio de Janeiro: Objetiva, 1997.

